



# Texto para discussão

275

**PNAD 2014 –  
O retrocesso ficou para 2015**  
Waldir Quadros

Agosto 2016

Instituto de Economia  
UNICAMP



# PNAD 2014 – O retrocesso ficou para 2015

Waldir Quadros<sup>1</sup>

Em texto anterior, com dados da PNAD de 2013, constatamos um sério retrocesso nas expressivas melhorias na estrutura social que ocorriam desde 2004. Tal comportamento, ao lado da estagnação econômica então vigente, apontava para um agravamento da situação em 2014<sup>2</sup>.

Entretanto, com a divulgação dos dados da PNAD de 2014 esta expectativa não se confirmou. Ao contrário, o progresso social revelado por estes dados foi bastante vigoroso, como se observa na Tabela 1.

Tabela 1  
Estratificação social da população brasileira – (%)<sup>3</sup>

“Padrões de Vida”	2012	2013	2014
Alta Classe Média	8,9	8,5	9,1
Média Classe Média	15,6	14,3	14,8
Baixa Classe Média	43,0	44,3	46,2
Massa Trabalhadora	25,1	24,8	23,2
Miseráveis	7,4	8,1	6,6
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD – IBGE.

---

(1). Professor associado aposentado do IE-Unicamp e Professor da Facamp – Faculdades de Campinas.

(2) Cf. Quadros, W. *Paralisia econômica, retrocesso social e eleições*. Campinas: Unicamp. IE, jan. 2015. (Texto para Discussão, n. 249). Disponível em: <http://www3.eco.unicamp.br/publicacoes>.

(3) É importante registrar que na metodologia que adotamos para estratificar a população, as famílias são classificadas com base na posição do membro melhor situado. Quando um membro alcança uma melhor ocupação toda família é reposicionada para cima, independente da renda per capita. Assim sendo, esta metodologia é bastante sensível às flutuações conjunturais na mobilidade social, tanto nas fases ascendentes como nas descendentes, em que a piora da situação do membro melhor situado pode levar a família toda para uma posição inferior. Por outro lado, o topo da estrutura é a Alta Classe Média, uma vez que os inquéritos domiciliares não captam adequadamente os rendimentos (declarados) dos ricos. A metodologia completa pode ser consultada em <http://www3.eco.unicamp.br/publicacoes>, cf. Quadros, W. *A evolução da estrutura social brasileira – Notas metodológicas*. Campinas: Unicamp. IE, out. 2008. (Texto para Discussão, n. 147).

De fato, a elevação dos Miseráveis em 2013 é eliminada em 2014, situando-se em proporção inferior à de 2012. A Alta Classe Média também apresenta um desempenho bastante favorável superando a marca de 2012. A Baixa Classe Média agora cresce devido a ascensão das camadas inferiores, ao contrário de 2013, quando sua expansão resultou do rebaixamento das duas camadas superiores.

Essa forte oscilação no biênio suscita, sem dúvida, diversas dúvidas e indagações. No momento vamos nos ater aos dados colhidos das PNADs, deixando para esclarecer melhor este comportamento quando revisitarmos o período com base nas PNADs Contínuas trimestrais.

Com o forte dinamismo registrado em 2014, o primeiro Governo Dilma, em seu conjunto, mantém os avanços na estrutura social (iniciados no primeiro Governo Lula), como se observa na Tabela 2.

Tabela 2  
Estratificação social da população brasileira – (%)

“Padrões de Vida”	“2010” <sup>4</sup>	2014
Alta Classe Média	7,8	9,1
Média Classe Média	13,5	14,8
Baixa Classe Média	40,4	46,2
Massa Trabalhadora	29,3	23,2
Miseráveis	9,1	6,6
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD – IBGE.

Cabe enfatizar, contudo, que se este desempenho permite uma avaliação positiva, ele também reforça a responsabilidade da Presidente no forte retrocesso que se espera para 2015 com base em todos os indicadores já disponíveis, tais como recessão econômica, agravamento do desemprego e queda nos rendimentos.

Como não se configura a continuidade de uma retração que já estaria em curso, o recuo poderá ser atribuído integralmente às escolhas de política econômica (equivocadas, a nosso juízo) realizadas no início do segundo

---

(4) Nos anos de Censo Demográfico a PNAD não é aplicada. A estimativa para 2010 foi obtida pela média das proporções verificadas em 2009 e 2011.

governo. Ou seja, ao popular “cavalo de pau” em que as promessas de campanha foram abandonadas em vergonhosa traição de seus eleitores.

Já no que se refere a 2016, o Vice-Presidente interino Temer parece deixar definições mais claras para quando (se) for confirmado o afastamento definitivo da Presidente Dilma.

De todo modo, a disposição do novo presidente do Banco Central em perseguir obstinadamente a meta de inflação, inclusive rebaixando-a, aponta para a manutenção da “austeridade”.

Por outro lado, a intenção do Ministro da Fazenda em fixar o crescimento do gasto público com base na simples correção pela inflação do nível de 2015, resultará em assustador arrocho dos gastos sociais. Caso realmente se confirme, podemos esperar que se acentue a deterioração já avançada da educação, saúde, segurança e demais áreas sociais. Ao que se acrescenta a situação insustentável dos governos estaduais e municipais.

Frente a este nítido conservadorismo social é visível a boa vontade da grande mídia e do poder econômico em relação ao governo provisório. O que, na verdade, é uma extensão da postura favorável ao impedimento da Presidente Dilma a partir de justificativas tão frágeis que, se levadas ao pé da letra, resultariam, por exemplo, no afastamento da maioria ou mesmo da totalidade dos governadores.

É claro que, para além dos aspectos jurídicos envolvidos, a enorme insatisfação com a presidente eleita e a ampla aprovação social do impedimento respaldaram seus promotores.

De todo modo, os acontecimentos posteriores no âmbito da Lava Jato evidenciaram que um dos objetivos prioritários deste grupo era tentar impor limites às apurações, oferecendo um “boi de piranha” que salvasse o enorme rebanho de envolvidos. O que não parece ter tido sucesso.

Fechando esse parêntese e retomando a análise dos avanços obtidos até 2014, apresentamos na Tabela 3 a evolução da estrutura social desde o Governo FHC, com as participações relativas dos diversos estratos na população total.

Tabela 3  
Estratificação social da população brasileira – (%)

“Padrões de Vida”	“1994” <sup>5</sup>	2002	2006	“2010”	2014
Alta Classe Média	8,0	7,0	7,6	7,8	9,1
Média Classe Média	11,4	11,0	11,7	13,5	14,8
Baixa Classe Média	28,7	29,2	34,6	40,4	46,2
Massa Trabalhadora	26,4	28,6	34,7	29,3	23,2
Miseráveis	25,7	24,1	11,4	9,1	6,6
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD – IBGE.

Este desempenho torna-se ainda mais evidente ao quantificarmos o número absoluto de pessoas envolvidas. Entretanto, para tal providência são necessários alguns cuidados, pois o crescimento da população ao longo dos anos introduz certo “viés” demográfico nesta evolução.

Em poucas palavras, a expansão de uma determinada camada social tem dois componentes: a mobilidade social e o crescimento vegetativo das famílias desta camada. Para isolarmos o efeito demográfico, simulamos uma “atualização” para 2014 da estrutura social vigente nos vários anos considerados, aplicando a distribuição percentual por camadas sociais destes anos (que estão na Tabela 3) sobre a estimativa do IBGE para o total da população de 2014 (203.191 mil pessoas).

Em seguida calculou-se a variação absoluta do número de pessoas nos diversos períodos, tal como se apresenta na Tabela 4.

Tabela 4  
Estratificação social da população – Brasil  
(Mil pessoas)

“Padrões de Vida”	“1994” a 2002	2002 a 2006	2006 a “2010”	“2010” a 2014
Alta Classe Média	-1.900	1.300	200	2.800
Média Classe Média	-800	1.400	3.700	2.700
Baixa Classe Média	1.200	10.800	11.800	11.900
Massa Trabalhadora	4.600	12.300	-10.900	-12.300
Miseráveis	-3.100	-25.800	-4.800	-5.100

Fonte: PNAD – IBGE.

(5) Em 1994 a PNAD não foi aplicada. A estimativa para este ano foi obtida pela média das proporções verificadas em 1993 e 1995.

A magnitude destes notáveis avanços nos dois governos Lula e no primeiro Dilma são consolidados na Tabela 5.

Tabela 5  
Estratificação social da população – Brasil  
(Mil pessoas)

“Padrões de Vida”	2002 a 2014
Alta Classe Média	4.300
Média Classe Média	7.800
Baixa Classe Média	34.500
Massa Trabalhadora	-11.000
Miseráveis	-35.600

Fonte: PNAD – IBGE.

Como já adiantamos no início deste ensaio, em nosso entendimento estes dados possuem um duplo significado: de um lado, revelam a magnitude dos avanços e, de outro, apontam o porte dos potenciais retrocessos em curso.

De fato, a forte piora que se espera a partir de 2015 coloca em risco este notável progresso social, ameaçando amplas parcelas da população que ascenderam recentemente com o retorno às suas situações anteriores. Obviamente, esta mobilidade descendente será mais intensa entre os segmentos mais vulneráveis.

### O perfil dos segmentos mais vulneráveis

A Tabela 6 apresenta a estratificação social da população brasileira em 2014. Combinando estes dados com aqueles da tabela anterior, podemos destacar as pessoas classificadas na Baixa Classe Média (remediados) e na Massa Trabalhadora (pobres) para ilustrar o perfil social vigente em 2014 de um amplo contingente diretamente ameaçado pelo retrocesso social.

Tabela 6  
Estratificação social da população em 2014 – Brasil

“Padrões de Vida”	%	Mil pessoas
Alta Classe Média	9,1	18.500
Média Classe Média	14,8	30.200
Baixa Classe Média	46,2	93.900
Massa Trabalhadora	23,2	47.200
Miseráveis	6,6	13.400
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>203.200</b>

Fonte: PNAD – IBGE.

Como as famílias são classificadas com base na posição do membro ocupado melhor situado, para elaborar o perfil social dos mais vulneráveis vamos lançar mão da estratificação (individual) das **pessoas ocupadas**. Além desta razão metodológica, o recorte dos ocupados justifica-se pelo fato de que a mais séria ameaça de rebaixamento social localiza-se no agravamento do desemprego e na queda dos rendimentos.

Por outro lado, vamos destacar aqueles que possuem o terceiro grau de escolaridade, completo ou incompleto. A razão desta escolha reside na significativa expansão do ensino superior que se verificou nos últimos anos, bem como na expectativa de ascensão social associada a este nível educacional. Como bem sabemos, a frustração destas esperanças é fator muito importante na conformação e difusão do descontentamento social.

Cabe mencionar que tanto os integrantes da Baixa Classe Média (remediados) como da Massa trabalhadora (pobres) beneficiaram-se amplamente das novas possibilidades de acesso criadas pelo PROUNI e pelo FIES, além da expansão das Faculdades Tecnológicas públicas. Que a partir de 2015 foram severamente atingidos com os cortes promovidos pelo ajuste fiscal.

Como se observa na Tabela 7, em 2014 um numeroso segmento de ocupados com terceiro grau completo ou incompleto encontra-se na Baixa Classe Média (8,2 milhões) e na Massa Trabalhadora (2,2 milhões), representando em conjunto 50% do total.

Tabela 7

Estratificação social dos **Ocupados** com 3º grau completo ou incompleto em 2014 – Brasil

“Padrões de Vida”	Mil pessoas	%
Alta Classe Média	4.900	23,4
Média Classe Media	5.100	24,4
<b>Baixa Classe Média</b>	<b>8.200</b>	<b>39,2</b>
<b>Massa Trabalhadora</b>	<b>2.200</b>	<b>10,5</b>
Miseráveis	500	2,4
<b>Total</b>	<b>20.900</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD – IBGE.

Por sua vez, a Tabela 8 revela que na Baixa Classe Média os jovens e adultos jovens (20 a 24, 25 a 29 e 30 a 34 anos) representam 58% do total. E a Tabela 9 aponta que na Massa Trabalhadora esta proporção eleva-se a 64%.

Lembrando que, por definição, estas faixas etárias englobam aqueles que recentemente ingressaram no ensino superior, ou o concluíram.

Tabela 8  
Composição etária dos **Ocupados** da Baixa Classe Média  
com 3º grau completo ou incompleto em 2014 – Brasil

Faixas Etárias	Mil pessoas	%
15 a 19 anos	200	2,3
<b>20 a 24 anos</b>	<b>1.400</b>	<b>18,3</b>
<b>25 a 29 anos</b>	<b>1.700</b>	<b>20,9</b>
<b>30 a 34 anos</b>	<b>1.400</b>	<b>18,3</b>
35 a 39 anos	1.000	12,5
40 a 44 anos	800	9,5
45 a 49 anos	700	8,3
50 a 54 anos	400	5,4
55 a 59 anos	200	2,7
60 a 64 anos	100	1,2
65 anos ou mais	-	0,5
<b>Total</b>	<b>7.900</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD – IBGE.

Tabela 9 – Composição etária dos **Ocupados** da Massa Trabalhadora  
com 3º grau completo ou incompleto em 2014 – Brasil

Faixas Etárias	Mil pessoas	%
15 a 19 anos	200	9,8
<b>20 a 24 anos</b>	<b>700</b>	<b>32,9</b>
<b>25 a 29 anos</b>	<b>400</b>	<b>19,3</b>
<b>30 a 34 anos</b>	<b>200</b>	<b>11,6</b>
35 a 39 anos	200	8,0
40 a 44 anos	100	6,6
45 a 49 anos	100	6,3
50 a 54 anos	100	3,0
55 a 59 anos	-	1,6
60 a 64 anos	-	0,7
65 anos ou mais	-	0,3
<b>Total</b>	<b>2.100</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD – IBGE.

Já evidenciada a relevância do segmento de jovens e adultos jovens ocupados destas duas camadas sociais mais vulneráveis que tiveram acesso ao

ensino superior, cabe agora examinar em que setores de atividade econômica eles estão concentrados.

É o que se apresenta a seguir nas Tabelas 10 e 11, com os setores mais relevantes.

Tabela 10

Composição por Setor de Atividade Econômica dos **Ocupados da faixa etária de 20 a 34 anos** da Baixa Classe Média com 3º grau completo ou incompleto em 2014 – Brasil

Setores de Atividade	Mil pessoas	%
<b>Indústria de Transformação</b>	<b>500</b>	<b>11,4</b>
<b>Comércio e Reparação</b>	<b>800</b>	<b>17,4</b>
Transporte, Armazenagem e Comunicação	200	4,6
<b>Administração Pública</b>	<b>300</b>	<b>7,0</b>
<b>Educação, Saúde e Serviços Sociais</b>	<b>1.100</b>	<b>24,7</b>
Outros Serviços Coletivos, Sociais e Pessoais	200	4,7
<b>Outras Atividades e Atividades Mal Definidas</b>	<b>800</b>	<b>18,4</b>
Setor Financeiro	200	4,8
<b>Total</b>	<b>4.500</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD – IBGE.

Tabela 11

Composição por Setor de Atividade Econômica dos **Ocupados da faixa etária de 20 a 34 anos** da Massa Trabalhadora com 3º grau completo ou incompleto em 2014 – Brasil

Setores de Atividade	Mil pessoas	%
<b>Indústria de Transformação</b>	<b>100</b>	<b>7,6</b>
<b>Comércio e Reparação</b>	<b>300</b>	<b>22,7</b>
<b>Administração Pública</b>	<b>200</b>	<b>15,1</b>
<b>Educação, Saúde e Serviços Sociais</b>	<b>400</b>	<b>30,3</b>
Outros Serviços Coletivos, Sociais e Pessoais	100	7,6
<b>Outras Atividades e Atividades Mal Definidas</b>	<b>200</b>	<b>15,1</b>
<b>Total</b>	<b>1.300</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD – IBGE.

Como se observa nestas duas tabelas, cinco setores (marcados em negrito) englobam 79% do total na Baixa Classe Média e 91% na Massa Trabalhadora. Todos eles fortemente atingidos pela severa recessão que há dois anos aflige a economia e provoca rápido crescimento do desemprego e queda nos rendimentos.

No agregado mais numeroso, que engloba Educação, Saúde e Serviços Sociais, a crise atinge profundamente os professores e demais profissionais da educação. No setor privado, com demissões decorrentes da queda de matrículas e aumento da inadimplência. No setor público, com o arrocho salarial e atrasos nos pagamentos devido à profunda queda nas receitas.

Situação semelhante a essa envolve os enfermeiros e auxiliares, na Saúde, e os assistentes sociais, nos Serviços Sociais. E, em todo o agregado, o relativamente amplo contingente de trabalhadores administrativos.

Da mesma forma, na Administração Pública os funcionários são diretamente afetados pela queda da arrecadação. Ao lado da ampla massa de administrativos destacam-se os advogados, policiais e vigias, assistentes sociais, agentes de saúde e trabalhadores de manutenção.

O Comércio, como evidenciam as tabelas, é outra atividade que engloba enorme contingente de trabalhadores dos segmentos sociais que estamos examinando. Envolve ampla gama de ocupações, tais como gerentes, vendedores, representantes comerciais, caixas e administrativos.

Como todos os indicadores apontam, desde 2015 esta atividade vem sentindo profundamente os efeitos da recessão, com vários ramos totalmente paralisados e estabelecimentos sendo fechados.

Na Indústria, além dos administrativos também se destaca um expressivo conjunto de operários especializados, todos eles sofrendo os efeitos da paralisia econômica e desindustrialização.

Por fim, temos o diversificado agregado Outras Atividades e Atividades mal Definidas em que se destaca a importante atividade de Serviços Prestados a Empresas. Junto a grande massa de administrativos, operadores de telemarketing e vigias, também são expressivos vários trabalhadores qualificados como advogados, contadores, técnicos de contabilidade e analistas de sistemas.

Por ser em sua grande maioria dependente da demanda das empresas, a forte recessão vem deprimindo severamente o desempenho do agregado, bem como o emprego e rendimentos.

## Uma rápida visão panorâmica

Da mesma forma que ocorre com o conjunto dos ocupados, os segmentos de jovens e adultos jovens que estamos examinando são marcados por forte heterogeneidade.

Entretanto, numa sociedade tão desigual e elitizada como a nossa, a posse de um título universitário, ou a perspectiva de obtê-lo para aqueles que ainda estão cursando o ensino superior, pode configurar um atributo comum em alguma medida capaz de diferenciá-los dos demais. Inclusive em suas próprias camadas sociais.

Ao lançarmos um olhar panorâmico sobre as ocupações e setores de atividades, observamos que entre eles ganham relevo os **funcionários públicos** (com destaque para educação e saúde) e os **comerciários**. Como sabemos os últimos estão muito mais dispersos que os primeiros, distribuídos por ampla gama de estabelecimentos dos mais variados portes e tipos de clientela.

Apesar de todo retrocesso ocorrido nas últimas décadas, os ocupados na **indústria** (administrativos, técnicos e trabalhadores especializados) continuam concentrando outra importante parcela. E progressivamente avançam aqueles ocupados nos **serviços prestados a empresas**, tanto em carreiras potencialmente mais promissoras (advocacia, contabilidade e análise de sistemas) como os contratados nas diversas modalidades de atendimento eletrônico.